

The background of the entire cover is a painting of gnarled, dark brown branches with small, pale yellow and white flowers. The branches are set against a textured, deep blue background. The painting style is expressive, with visible brushstrokes and a slightly somber, yet vibrant, color palette.

Alexandre Guida Navarro

FLOR NASCIDA AO SECO

E OUTRAS POESIAS

 **Atena**
Editora
Ano 2024



Alexandre Guida Navarro

FLOR NASCIDA AO SECO

E OUTRAS POESIAS

 **Atena**
Editora
Ano 2024

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Ellen Andressa Kubisty

Luiza Alves Batista

Nataly Evilin Gayde

Thamires Camili Gayde

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2024 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2024 O autor

Copyright da edição © 2024 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelo autor.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva do autor, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos ao autor, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo

Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Flor nascida ao seco e outras poesias

Diagramação: Ellen Andressa Kubisty
Correção: Andria Norman
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: O autor
Autor: Alexandre Guida Navarro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
N322	<p>Navarro, Alexandre Guida Flor nascida ao seco e outras poesias / Alexandre Guida Navarro. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2024.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-2309-6 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.096240104</p> <p>1. Poesia. 2. Literatura brasileira. I. Navarro, Alexandre Guida. II. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 869.91</p>
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DO AUTOR

O autor desta obra: 1. Atesta não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declara que participou ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certifica que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirma a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autoriza a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Flor Nascida ao Seco e Outras Poesias finda a trilogia da minha escrita poética.

Os poemas que aqui reúno foram escritos entre os 26 e 28 anos de idade, nas cidades de Campinas e São Paulo, entre minhas idas e vindas à capital paulista para estudar um Doutorado.

Os temas e teor dos textos continuam os mesmos dos livros anteriores: a busca constante de entender a razão da vida e as experiências que muitas vezes se transformaram e são marcadas pela dor e pela solidão. Aquele continua sendo um mundo sensível com o eu lírico aflorado.

Hoje eu me perguntaria: por que te permitiste sofrer tanto?

O abandono do curso em detrimento de uma aprovação de Doutorado no exterior, a efusão de realizar um grande sonho talvez verteram minha energia para outros fazeres, motivo pelo qual atribuo o fim abrupto da arte de produzir poesias.

Continuei escrevendo, mas muito esporadicamente.

Espero que gostem!

Campinas, 01 de janeiro de 2024.

Para o Céu

Onde tudo começou

PARTE I - MARTELO	1
LÁGRIMAS.....	2
GAIVOTA.....	3
FLAUTA.....	4
PLANTAÇÃO	5
GELO SECO	6
PERENE.....	7
ARARAS E GAFANHOTOS.....	8
ALGAS E CARAMUJOS	9
DA JANELA	10
O POETA	11
O TROVÃO.....	12
SINO	13
BOM DIA CHUVA.....	14
O POETA TEM IRMÃ!	15
XIBALBÁ	16
ESCONDE-ESCONDE.....	17
PARTE II - BIGORNA.....	19
NEGROS OLHOS	20
TUMULTO	21
CANÇÃO DE NINAR	22
MARES E MARÉS	23
NOS TRILHOS.....	24
UMA CASINHA SOZINHA.....	25
RASTRO	26
INFINITO MUNDO	27
VOO	28

NINGUÉM EM CASA.....	29
LÁGRIMAS DE ACÁCIAS.....	30
NO CÁRCERE	31
SUOR.....	32
MEDO DA SAUDADE	33
PÔR DO SOL.....	34
SÃO FRANCISCO	35
PARTE III - ESTRIBO	37
CARNE PODRE	38
SANGRIA.....	39
ILHA.....	40
O ROSTO DA CANÇÃO.....	41
OÁSIS	42
APELO	43
A PERDA	44
DÚVIDA	45
ÚLTIMO ABRAÇO	46
EQUILÍBRIO	47
ABUTRES.....	48
O SOL E A LUA	49
ÓCIO	51
MISSING YOU.....	52
MORTE	53
FLOR NASCIDA AO SECO	54

PARTE I

MARTELO

LÁGRIMAS

Hoje as lágrimas não caíram

Ontem não paravam de verter

Marcas e sombras se diluíram

Olvidando o meu querer

GAIVOTA

Gaivota pede a volta
Do filhote em desespero
Veio a águia com discórdia
Retirá-lo de seu leito

Gaivota perde a rota
Ensandece nas entranhas
Voa perto das encostas
Ensurdece as montanhas

Gaivota segue a frota
Nunca cessa sua andança
Não aceita a derrota
Quer de volta sua criança

Gaivota não tem volta
A coragem não engana
A lição que fica mostra
Que a mãe o filho ama

FLAUTA

Ouço ventos, mar de encosta
Leves notas, acalento
Um murmúrio aos pés da crosta
Doce sopro de um instrumento

De que cuidas, pastor grego?
O que colhes, povos Andes?
És a busca do sossego
És a trilha ofegante

Vens da Terra ó Pan do istmo
Não és acre entranha basca
Tens na pele sons de pícolo
Tens nos lábios voz que alastra

Mas já vais ao cais da aurora?
Quero mais da polpa alada
Eras tu o vento, outrora?
Venha a mim ó brisa flauta

PLANTAÇÃO

Vastos mastros de pinceis
Pinças castros sóis de faustos
Vidros, vasos de cinzeis
Fontes ares do alabastro

Plumas luas de feitiço
Feito bairro ruas tantas
Cantam magos nos solstícios
Danças olhos de criança

Mares frases do oceano
Orcas lares de corais
Flores postas no altiplano
Drapejando em vendavais

Risos trigos saem do campo
Trilhas rimas solo ágil
Folhas finas sois o manto
Que protege o filho frágil

GELO SECO

Não
se
perde
com
a
perda

Não
se
ganha
com
o
perder

Só
se
aprende
que
na
vida

Tudo
Pode
acontecer

PERENE

Ofuscando a íris tenra
Clareando o mar ressalva
Tens na pele brisa amena
Vens serena doce malva

Caminhando em prantos lábios
Sufocando os céus percebe
És encanto dos mais sábios
Queres tudo que eu entregue

Murmurando sons de infância
Navegando alado sente
Voas nua falsa andança
Soltas asas de sua mente

Restaurando novos rostos
Amargando a fé que grita
Surges calma voz de choro
Anuncias a ferida

ARARAS E GAFANHOTOS

Ando sôfrego na floresta
Caminho lábaro em fiordes
Minhas angústias já confessam
Que um guerreiro nunca morre

Sigo as trilhas dos meus ninhos
Enfeitiço o monte celta
Dou à luz gigantes filhos
Onde canto ilhado ao delta

Grito alto como araras
E as ouço em pessoa
Gafanhotos não são pragas
Só porque digeram folhas

Vejo o sol que está nascendo
Vejo a lua e sua noite
É porque estou crescendo
Lá no mar atrás dos montes

ALGAS E CARAMUJOS

E por que o mar revolto
Lança à areia os caramujos?
Se as algas não ordenam
Que eles deixem o seu mundo?

DA JANELA

Lá do alto vejo montes
Lírios, cravos e bromélias
Já não bastam mais as cores
De que vales tu, camélia?

Terra seca, terra magra
Traz seus frutos quão amenos
Fostes lajes sons de flauta
Aspirando ao meu tormento

Sinto o toque em seus dedos
O acalento doce abraço
Semeando-me com beijos
E regando-me com afagos

Era noite e eras luz
Sou a voz daquele grito
Dê-me a mão e me conduz
De volta quero o meu sorriso

O POETA

Singela a espera
À Luz de vela
Aos passos dela
Um enaltecer

Em reluz, conduz
Entre a espada e a cruz
Seu olhar induz
O sofrer do prazer

O espaço e escasso
Do luar no compasso
Promete ao acaso
O mar resplandecer

As crianças e a dança
A buscar na esperança
Em sorriso alcança
O sonhar de viver

No perfume, o betume
Que o afago ciúme
Aos prantos reúne
O despejar do alvorecer
E o canto, aos cantos
Esconde em seus mantos
O limiar de seus prantos
Prestes a descer

E no fundo, o mundo
De um poeta confuso
Que caminha sem rumo
No luar do entardecer

O TROVÃO

Sai de baixo e vai ao alto
Desce alvo sobre a Terra
Segue bravo em intervalos
Deixa todos em alerta

Por que vem sem ser chamado?
Escurece o sol lá em cima
Fecha o tempo em aziago
Monumentos ilumina

Sabem quem chegou pirraça?
Já lhes conto de antemão
Entre estrondos na vidraça
Chega ele, o trovão

SINO

Sou levado pelo destino

E não tenho coração

Me abalo mais que um sino

Em mim não há união

BOM DIA CHUVA

O ponteiro marca as horas
A chuva no celeiro
O relógio nos acorda
Guarda-chuva logo cedo

Ensopado e faminto
Baila a água com o vento
Pés pra fora logo sinto
Ondas vindo em movimento

Lábil vejo-me em assento
Como em um ninho a botar
Frio é o banco do ensejo
Quente é a raiva do ensopar

Mas no fim da caminhada
Subo o ônibus devagar
E a água nas escadas
Sorrindo o meu tombar

Ah, chuvas do madrugada!

O POETA TEM IRMÃ!

Um poeta sempre escreve
Aos amigos e ao viver
Mas às vezes ele esquece
Da família sem querer

Um poeta nem sempre é triste
Faz trovas e também piadas
Vou falar de uma pessoa que existe
Minha irmã querida e amada

Já estava esquecendo
Que poeta também é falso
Entre vírgulas verbos e acentos
Mente como no verso ao alto

Minha irmã é alta e baixa
Usa brinco de parafuso
Não se esqueça ó leitora
Que poeta é confuso!

Poeta é assim mesmo
Enrola, enrola e nada fala
A verdade seja dita
Minha irmã é muito bala!

XIBALBÁ

No rio Bec e em Chiapas
As florestas em eflúvio
As palavras que não calam
Mas sussurram um murmúrio

Era Pakal em sua tumba
Rei dos homens e jaguar
Renegando a nós a culpa
Em astronautas acreditar

A beldade das pirâmides
O domínio do nagual
Refletindo a luz da vida
Na magia de Uxmal

E no fim dessa viagem
O alento Kukulcán
Em Tikal dava passagem
A mais um dia, uma manhã

Que saudade desse sonho
O despertar de um alvorecer
Ficam os livros de consolo
Na alcova do meu ser

ESCONDE-ESCONDE

Saltitando rolavas

Pedras vinham em açoite

Avezinhas se engajavam

Ao brincar de esconde-esconde



“O Amor”, pintura em guache de Maria Júlia Navarro Tromboni

PARTE II BIGORNA

NEGROS OLHOS

Queria os olhos negros

Da íris branda reluzindo o arco

Torneantes gestos tenros

Olhos negros

Olhos fartos

TUMULTO

Deite e enterre suas palavras

Seja sábio e não maldito

Não gangrene sua bocarra

Saiba às vezes ser conciso

CANÇÃO DE NINAR

Com um sorriso, a injúria ao lado
Aduziu a semente do cansaço
Suave o acerto
Veloz o sofrimento
Que balbucia o rancor

Era véspera que partia
Astênica atonia
Nostálgica
Acalento a ouvir

Os murmúrios abafados
Que denunciam o aziago
Caladas
As andanças do sofrer

Vistas logo sem alarde
Sua nua de manhã
Fostes lírios, risos mares
No caçar do acauã

MARES E MARÉS

Lembro a lua
A madrugada
A voz que sua
A dor que exala
A solidão
Sua voz que afaga
E que agora amarga
A mesma sensação

NOS TRILHOS

Meigos olhos mar adentro

Acalento sofregar

Risos tenros céus e ventos

Conduzindo o seu tocar

la triste noite afora

Lamentando a madrugada

Ímpios ares sois agora

O carinho qu'eu esperava

UMA CASINHA SOZINHA

As ruas cruas

Suas calçadas nuas

Refletindo luas

Ao anoitecer

Os pastos gastos

Sob os pés descalços

Conduzindo os passos

Ao alvorecer

RASTRO

Passa um rastro

De raso e castro

Com fino lastro

De um qualquer

Cinge e tinge

O fel do arraso

Em meio a abraços

De outros quaisquer

INFINITO MUNDO

Estas terras dão seus frutos
Vidas brotam de seus pés
Lembra do finito mundo?
Agora sei que infinito é

Não se escondam
Não se entreguem
Voem alto!
Sejam breves
Não descansem
Em descanso
Voem alto!
Que'u os alcanço

NINGUÉM EM CASA

Já não aguento

A espera

Que lateja

E faz sofrer

Já não durmo

Nem descanso

Sonho tanto

Com o prazer

Já não ando

Pela estrada

Há muralhas

Pra descer

Já não sinto

Meu espírito

Que em conflito

Já não crê

LÁGRIMAS DE ACÁCIAS

Vejo acácias na vereda

De sedas

Naturais

De rendas

De vida

Cheiro o aroma que exala

Ardil

Sensata

Febril

Amargo

Sinto leve pele folha

Serena

Molhada

Amena

Pessoa

Ouçó o vento de verão

Alísio

No chão

Abrindo

O botão

Na alcova do destino

As acácias

Sorrindo

E minhas lágrimas

Caindo

NO CÁRCERE

E quando alguém sussurrava

Conspurcava em seu medo

A angústia consumada

Provocada pelos dedos

Nas conversas uma fuga

Algo falso tão normal

Não passando de desculpa

Corrompendo o casual

Que vontade da coragem

Cara limpa com fervor

Já não quero estar à margem

Do que só provoca a dor

SUOR

Suo nu à noite

Afoito

Sem caminho

Consolo

Desgosto

Sozinho

E o dia amanhece

Acerbo

E eu

Com medo

Do destino

De viver

Na janela

O alvor da cortina

Me espia

Retribuo

Sorria

Alenta meu sofrer

Levanto sufocado

Aparente

Aluado

Distância reluzente

Do calor

Acordado

Suo cedo ardo

Carente

Calado

Da espera ardente

Do desejo

Alado

MEDO DA SAUDADE

Ouço passos na calada
De uma noite a temer
Calo os rastros da alçada
Chove no entardecer

Vejo asas sóis de anjos
Em degraus chamas lendas
Lua e luzes sons e cantos
Prados campos das fazendas

Falo preces prezo ritos
Rezo ardente sem cessar
Ensandeço o infinito
Rogo cego ao professar

Sinto pele pela veia
Murmúrios de Salamanca
Teço sombras rés de teias
Em primícias de crianças

Nada entendes de que escrevo?
As palavras são aladas?
Sinta os versos e enredos
E chegue à alma sufocada

PÔR DO SOL

Hoje fartas estrelas brilham
Quão opaca deve ser a morte
A destreza que se esvai de brios
A prisão eterna do caixote

De que vale a cor das flores
O cheiro a vida de belezas
Arrancadas de seus montes
Enfeitadas na frieza

Pra que tanto sentimento
Choros secos vozes ralas
As lembranças são o acerto
De uma vida que se cala

Se és tímido e sensível
És o centro das atenções
O adeus cruel amigo
Fria é brisa dos caixões

Por que a gente assim acaba?
Todo mundo e eu também?
Posso até sorrir pra chaga
Só não só, mas com alguém

SÃO FRANCISCO

Escaldante estavas

À luz dos montes

Sorrias e drapejavas

Cintilavas no horizonte



"Lar", pintura em guache de João Vítor Navarro Tromboni

PARTE III

ESTRIBO

CARNE PODRE

Onde carnes apodrecem e somem

Quão olhares são tão certos?

As canções são só finitas

De quais cumes somos netos?

SANGRIA

Toco as flores de tecido
Poço, ares de garrido
Suo lúgubre aflito
Nado redes ao tremer

Teço toques tão floridos
Gostos, mares destemidos
Voo lóbrego conflito
Mago lentes desprazer

Veios d'água no arenito
Pego rosto corroído
Pusilânime castigo
Claros frutos do saber

Folhas verdes versos pampas
Tantas lanças corromper
Brancas luzes vestes santas
Sois navalhas em meu ser

E no fim de tarde o alarde
Do sorriso do vento que passou
Seus filhos crianças e moinhos
Recebendo a mensagem que deixou

Desespero triste sonho de arrebento
O sofrimento de uma triste andarilha
A saudade que desperta o sentimento
Da ida de uma mãe sem sua filha

Caminhadas de longa estrada
Uma filha obediente
De sorrisos às desgraças
Algoz sorri com sua mãe ausente

Lindo fim de uma jornada
Sábia Amália fé de um destino
Do outro lado da estrada
Perde a filha em seu caminho

O ROSTO DA CANÇÃO

As palavras me faltavam
Evertiam em solidão
Via pássaros que cantavam
Valseando pelo chão

Da janela a luz ardente
Refletiam sons de ar
Um dos rostos entrementes
D'outro um gesto de ninar

E brincavam enlevados
Com poeira a levantar
Ente lírios, ninfa e cravos
Drapejavam ao voar

Voaram alto
Ao empíreo panteão
Eu ainda na janela
Recordava a canção

Vida

Mais vida

Vida menos

Vida mais

Caí mais uma vez na armadilha do destino

Como pude?

Será que foi meu jeito sensível?

Oi fui pego por um monstro horrível?

APELO

Condolência a mim
Pelo cárcere da alma
Que suplica
Aflita
A vontade do prazer

Compunção a mim
Pelo ébrio do espírito
Que longínquo
E conflito
Pede à carne pra viver

Condescendência a mim
Pelo estado insciente
Que em endecha
Iminente
Provoca o sofrer

Convalescença a mim
À minh'alma
Que deblatera
Austera
O despojo a perder
Compaixão a mim
Ao delíquio do corpo
Que acompanha
O esvair das montanhas
Que está por morrer

A PERDA

Pés descalços grãos de areia
Vozes soltas trilhas mar
Dei-lhe a vida de minhas veias
Deu-me asas pra voar

Timbre tempo sóis e avencas
Mastros toldos secos lenços
Dei-lhe a alma que se assenta
Deu-me a dor que não tem preço

Verdes malhas carreteis
Girassóis girando flores
Dei-lhe tela e pinceis
Deu-me quadros sem as cores

Campos matas chuva alheia
Fogo apaga dores tantas
Dei-lhe o beijo que permeia
Deu-me toques de criança

Vênus deusa dai semente
Águas claras livres soltas
Dei-lhe o corpo todo ardente
Deu-me o gelo de sua boca

Choros sôfregos mel que adia
Traços toques versos vão
Dei-lhe tudo que podia
Deu-me nada de suas mãos

Tu não sentes que às vezes

Tudo é muito esquisito

Sem saber de onde vens

Sem tocar o infinito?

ÚLTIMO ABRAÇO

Na cadeira estava
Sua blusa amarrotada
Em minhas mãos ficavam
As suas entrelaçadas

Na parede o quadro
O desenho do seu rosto
Em meus pés os mastros
Do velório de seu corpo

Nas escadas as trilhas
Os caminhos peregrinos
Em meus olhos suas filhas
Já cansados do destino

E na porta a barreira
Da saudade que não volta
Em seus lábios a certeza
Do meu choro sem demora

E que não mais quer ir embora

EQUILÍBRIO

E das asas do destino
Veio um sábio explicar
E estava em seu caminho
Uma pessoa a indagar

Triste sonho vida e mágoa
Quem sou eu em meu vazio?
Sinto nada e morro n'água
Sem estrada em meu caminho

Torres altas breves faustos
Vejo o Tejo em tormento
Secos mares de seus mastros
Já não há conhecimento

E o sábio de seus lábios
Desce ao homem em sustento
Não te aflijas lírios raios
Não carregues sofrimento!

ABUTRES

Neves dentes vão surgindo
Solo fétido dos trópicos
Sóis estão me exaurindo
Luas dançam em ares sórdidos

Mares densos Marianas
Fossas gélidos sufocos
Sombras vêm das caravanas
Aves de penachos soltos

Verdes chamas logo chamam
Troncos caules e martins
São colírios que enganam
As portelas dos jardins

Tenros morros sois bravios
Dormem manso com descaso
Sois invejas sois vazios
Estão perdidos ao acaso

Leito corre a madrugada
Lua cheia de trapaças
Perde o dia na alvorada
E a noite em suas farsas

O SOL E A LUA

O sol e a lua puseram-se a brigar
Um queria luz todo o dia
A outra, noites sem cessar

O sol dizia que na escuridão
Não se pode conduzir
A lua retrucava de antemão
Que no escuro não se pode dormir

Vermelho de raiva
O sol terminava sua jornada
A lua apagava seu fogo
Em meio a muitas gargalhadas

Mas a lua já estava cheia
Não aguentava mais a situação
Começou a bolar um plano
Para acabar com a situação

O amanhecer chegou de repente
No nascente a luz começou a radiar
A lua se mandou rapidamente
Sabia que o clima ia esquentar

O sol também já estava quente
Queria acabar com o conflito
Foi quando olhou para a Estrela Dalva
E viu o bilhete do inimigo

Sei que você é o pai da constelação
Por isso te devo meu respeito
Mas você não pode acabar com a imensidão
Da noite que é meu reino

Como as pessoas vão descansar
E repor suas energias?
Sem a ajuda do luar
Sucumbindo à luz do dia?

O sol emocionado
Começou a lamentar
Logo se sentiu culpado
E aos prantos pôs-se a chorar

Suas lágrimas evaporaram
E nuvens formaram no céu
Logo chuvas despencaram
Inundando tudo ao léu

E o dia virou noite
Veio algo acontecer
Era a lua que chegava
Vindo ao sol agradecer

E o sol se desculpou
Pelo sentimento de egoísmo
A lua o cumprimentou
E seguiu o seu caminho

Logo a chuva foi embora
O sol foi pra atrás dos montes
Saía a lua de cara nova
Escondida no horizonte

Os dois se tornaram amigos

Começaram a se respeitar

E entre equinócios e solstícios

Começaram a namorar

ÓCIO

Desci

Ao chão

Subi

Em vão

Chorei

Calado

Gritei

Safado!

Pulei

A corda

Caí

De costas

Dancei

A valsa

Rasguei

A calça

Gritou

A vizinha

Cadê

Minha calcinha?

Que momento

Tão sem graça

É o tempo

Que não passa...

MISSING YOU

Are the giants in the fields?

Is there field in each giant?

Hate must be healed

Man have cold hearted

Where are the eagles from the mountains?

Why did the mountains hide the eagles?

Friars are praying in highlands

Listening songs and waiting singles

Could be the souls a rush hurricane?

Hurricanes can't dig the souls

Bone and blood are the same

Earth and sea from the world

Do the words know the poets?

Knowledge never disappears

The words sometimes are secrets

It's been lonely without you here

MORTE

E a alma reclama
O preconceito proclama
A sociedade que em chamas
Destrói o embelecer

FLOR NASCIDA AO SECO

Quer o broto que eu lhe regue?
Mas a vida o que era?
Não há gritos numa fenda
Tu persistes, me encoleiras

Sou a trilha de tua lenda
Vá embora cego errante!
Cai a noite nestas serras
Onde a vida segue adiante

Dos meus entes que se afastam
No meu sonho logo vi
Que das dores, minhas lascas
Cortes versos de meus rins

Purificam minhas mágoas
Foi então que percebi
As blandícias de um astro
Rego o broto, vejo enfim

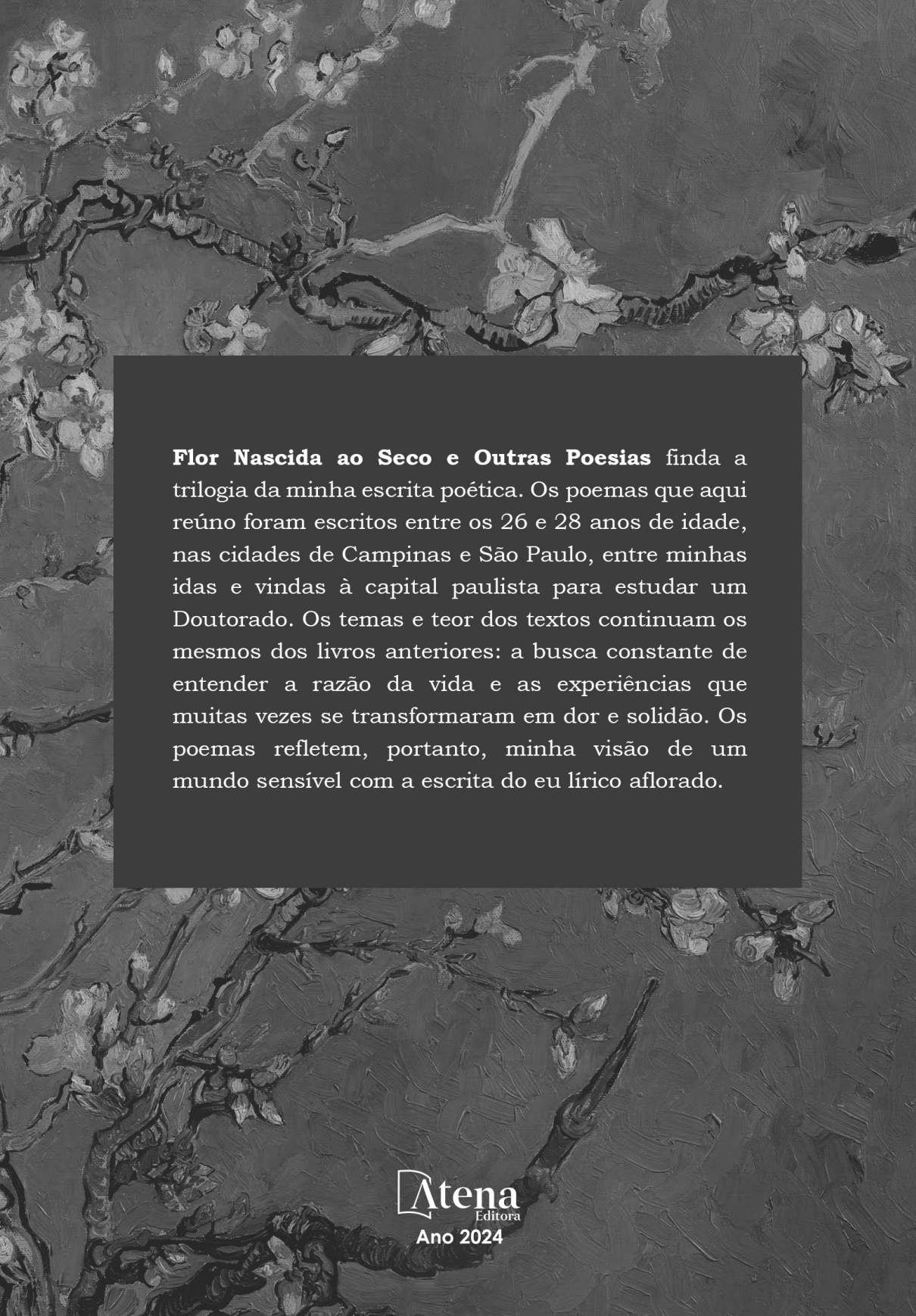
Suas prosas, seus retratos
Grandes olhos eu abri
Onde só pensei que estava
Vi na flor um colibri

Em meus olhos, duas lágrimas
E à beira rocha quis
Caminhar a sós com o vento
E em suas asas concluí


Que sou a flor nascida ao seco



"A vida da flor", pintura em guache de Maria Júlia Navarro Tromboni



Flor Nascida ao Seco e Outras Poesias finda a trilogia da minha escrita poética. Os poemas que aqui reúno foram escritos entre os 26 e 28 anos de idade, nas cidades de Campinas e São Paulo, entre minhas idas e vindas à capital paulista para estudar um Doutorado. Os temas e teor dos textos continuam os mesmos dos livros anteriores: a busca constante de entender a razão da vida e as experiências que muitas vezes se transformaram em dor e solidão. Os poemas refletem, portanto, minha visão de um mundo sensível com a escrita do eu lírico aflorado.



Flor Nascida ao Seco e Outras Poesias finda a trilogia da minha escrita poética. Os poemas que aqui reúno foram escritos entre os 26 e 28 anos de idade, nas cidades de Campinas e São Paulo, entre minhas idas e vindas à capital paulista para estudar um Doutorado. Os temas e teor dos textos continuam os mesmos dos livros anteriores: a busca constante de entender a razão da vida e as experiências que muitas vezes se transformaram em dor e solidão. Os poemas refletem, portanto, minha visão de um mundo sensível com a escrita do eu lírico aflorado.